

Suplemento Cultural

NASCIMENTO DE JESUS E ALGUMAS REFLEXÕES NATALINAS

GERALDO RAMON PEREIRA – *Diretor Cultural da ASL, coordenador deste Suplemento*

A sofrida viagem, em lombo de burro, de Nazaré até Belém; Maria grávida, já no último mês; José pobre, inexperiente e sem recursos; o parto num estábulo, o berço uma manjedoura – todos esses fatos mostram sobejamente o projeto de Deus-pai para com o destino do filho Salvador dos homens: nasceria humildemente, nas mãos da parteira Zalomi, ao lado de uma fogueira e à luz de uma candeia; e não à lâmina do bisturi de um médico, sob o foco de um holofote, como soeria acontecer hoje, em meio à parafernália moderna.

Jesus, se seu Pai do Céu assim o quisesse, poderia, àquele tempo, ter sido concebido e nascido num palácio de Roma, filho de famosa princesa, numa cama de plumas e pedras preciosas, ser banhado em bacia de prata, depois dormir em berço de ouro.

Entretanto, quis o seu Criador, desde o princípio, que a sina do Messias, enquanto homem-Deus, se moldasse, estruturasse e fosse o exemplo de que – por mais paradoxal que pareça – a felicidade está na simplicidade, o valor está na essência das coisas menores, a riqueza habita os recônditos intangíveis dos bens imateriais... Daí, aquela noite inesquecível e maravilhosa, em que anjos revoavam sobre pastores e vaga-lumes, uma estrela misteriosa a guiar os três reis magos para onde a virgem Maria, risonha e feliz, aconchegava e amamentava ao colo, ainda suado, o filho recém-nascido; José, o pai-homem, sorria e orava grato ao pai-Deus, pela ventura, naquele instante, comum a ambos... Todos numa simples estrebaria, entre animais tranquilos, que os velavam, nos arrabaldes pobres de Belém.

Eis que ingressamos, parece ontem, já no terceiro milênio... E o nascimento do Deus-menino ainda continua sendo, teórica e tradicionalmente, comemorado pelos cristãos: é o sagrado e sonhado dia de Natal! E aqui vem o questionamento: homens e mulheres de hoje, na sua grande maioria, acalentarão condições morais e sociais para festejar sinceramente o aniversário do seu Salvador? Será que Cristo vê com bons olhos os “bem-sucedidos” a se fartarem com suculentas ceias, enquanto semelhantes seus, marginalizados e esquecidos, morrem de fome e inanição pelo Continente Africano, China, Índia, América e outros confins da miséria? É justo que, enquanto uns esbanjam empáfia e poder, conforto e saúde, outros pereçam em sarjetas e “bocas de fumo”, ou agonizem em corredores de hospitais públicos, “miseres escravos, sem ar, sem luz, sem razão”?

Em vez de “estrelas” para guiarem “reis ma-



MAIS UM NATAL FELIZ E UM VENTUROSO ANO NOVO PARA TODOS!
– votos pessoais da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

“

Eis que ingressamos, parece ontem, já no terceiro milênio... E o nascimento do Deus-menino ainda continua sendo, teórica e tradicionalmente, comemorado pelos cristãos: é o sagrado e sonhado dia de Natal!”

gos” que levassem alimentos e alentos para populações carentes, as grandes potências dispararam bombas e mísseis que conduzem à destruição e ao dramático empobrecimento dos povos, em prol da soberania de alguns; ao invés de anjos voojantes, anunciando e festejando o nascimento de um Salvador, caças e bombardeiros grassam num céu nebuloso de destruição e horror... É o homem hodiernamente endoidecido, competitivo, egoísta, tentando disfarçar sua ingloria postura – ao longo de mais um ano que se finda – com dissimulada e incoerente comemoração natalina. Pois esta, ordinariamente, se resume – excetuando-se os rituais em templos, igrejas e alguns lares cristãos – à gastronomia e

bebadeira, ao prazer egocêntrico de extravagantes noitadas, não raro envenenadas com drogas e sexo animal, além do consumismo desmedido e inconsequente, em quem lucram os comerciantes (ainda bem!), mas sai perdendo quem deveria ser o ente mais lembrado, laureado e louvado da noite: Jesus.

É para Ele, em homenagem ao Seu renascimento permanente em meu ser, que dedico o soneto autoral a seguir:

RIMAS DE NATAL

(Geraldo Ramon Pereira)

Natal – palavra mágica e sonora,
Com qualquer outra, pelo amor, faz rima;
Seja com ontem... hoje... ou com agora,
A rima do Natal é a mais divina!

Natal – rima com dentro se lá fora
A alma humana com Deus se descortina;
Natal – rima com fica ou vai embora,
Desde que Jesus trace a nossa sina!

Natal – rima com fé, com esperança,
Com homem, com mulher, velho ou com criança;
Natal – rima com bem, com eternidade...

Natal – do amor é prece de alegria,
É do cristão a única poesia
Que rima Vida com Felicidade!

ZANGADA COM DEUS

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO – *ex-presidente da ASL*

Tarde de sábado, sol entrando no horizonte, acompanhei meu pai nas compras, já planejadas, no armazém do Sr. Idalício, na movimentada esquina da rua da Lama (Napoleão Laureano), pertinho da matriz. Com fregueses na frente evidenciava-se a demora, fui liberado para voltar para casa. Não obedeci. Entre os 10 e 11 anos há sempre um toque de rebeldia, o desejo de não ser cuidado, o agarro à liberdade. Caminhei em passos largos e quando dei por mim estava no pátio da igreja, lugar que eu mais gostava. Ali passavam todos, em constantes proseados, pobres e ricos, brancos e negros, altos e baixos, feios e bonitos e, lá em cima, as inquietas andorinhas faziam festas em busca de um lugar nos braços do cruzeiro no recolhimento da noite.

Através do umbral, num olhar rápido, deu para visualizar os grandes castiçais com velas a iluminar a sacristia no centro do majestoso altar da Santa Padroeira (N. S. da Conceição). Deus é um pensamento que veio cedo e achou guarida no fundo da minha alma. Tudo é bom. Bom, haver nascido. Bom no prazer e no sofrimento, enfim, sentir que há felicidade, como se lhe dessemos uma flor, murmurando para o céu, de mãos estendidas – Graças a Deus.

O escurinho da noite se fez presente, no umbral principal surgiu o sacristão abanando a mão direi-

ta. Corri para saber de novidades. – Regi, olha um pequeno trecho do sermão da missa das oito, amanhã...

O padre havia esquecido na “cadeirinha da Sacristia”. Ele poderia voltar a qualquer momento. Rumei para o corredor central da igreja onde havia luz e apressadamente li: “Um tesouro de inigualável valor, o mais rico de todos, o mais desejado por todos que almejam a santidade - O TESOURO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - um baú, e no baú um pedaço de corda, uma espiga de trigo, uma pena de pássaro; a corda significa a humildade; o trigo significa o pão; a pena significa que a felicidade da terra voa depressa para o céu...”

No espaço mais abaixo, em letras maiores, havia um pensamento de Abraão Lincoln que dizia “Não estou obrigado a alcançar tudo o que intento, mas unicamente a ser um homem completo. Estou obrigado a ser fiel, verídico e probo, o melhor que saiba, um homem de Deus. Tudo o que me aparte disso será uma covardia desprezível.”

O vigário da nossa paróquia era, verdadeiramente, um religioso intelectual, admirava-o, era notório em seus sermões perceber sua vasta erudição, um apaixonado pela arte de colecionar livros, indicativo sublime de quão requintado era o seu gosto, e delicado o seu espírito. Para nós crianças uma preciosa herança legada à posteridade.

Às vezes ao aconselhar ou mesmo nas respostas de perguntas embaraçosas o padre João Gomes tinha, sem dúvida, lampe-

jos de gênio. Uma senhora rica, de família tradicional da capital paraibana, de visita a Itabaiana, enraivecida com seus próprios problemas, tentou afrontar o vigário, acusando o criador do universo.

– Sou católica, minha família também, mas às vezes fico muito zangada com Deus. Perdi meu marido num acidente e meu filho afogou-se no açude da fazenda. Que vida é essa que Ele me deu, por que tanto sofrimento, tanta angústia?

O sacerdote afagou-a com um sorriso, ao dizer-lhe:

– A harmonia e o amor iluminam todos os semblantes. O céu, lugar onde as almas de seus queridos se encontram, é um lugar de indescritível formosura, onde não tem nunca lugar a ansiedade, a discórdia ou o infortúnio. Ouça, por favor, Jesus Cristo morreu com 33 anos e não teve tempo de pagar em vida o mal da humanidade, então as pessoas têm que pagar o que Ele não teve tempo de fazer...

A mulher ouviu em silêncio e em silêncio permaneceu, bons segundos, saboreando as palavras tão boas, tão simples, tão arejadas do religioso, tomando-as como refúgio, bando a tristeza, encontrando nelas o amor, a doçura, a esperança, o perdão e a verdade.

Ouvindo tudo a alguns passos dali, na ausência da mulher, também me senti confortado, o padre atingira em cheio meu coração. Rumei para casa caminhando no cocuruto da ribanceira do Paraíba, já era noite, a correnteza escondia a lua no céu, mas, que claridade maravilhosa, a da lua espalhada na correnteza caindo em cheio sobre o rio. Um enlevo, uma febre de gozo, um pedacinho de minha felicidade.

POESIAS

FAMINTAS INDAGAÇÕES

**ou: ‘a outra face do Natal/Noel’
[na favela... um filho... ao pai...]**

Papai, quem é aquele ser rotundo
que exulta, enquanto aqui a gente chora?...
Quem é a criatura que agora
não para de sorrir um só segundo?

Por que aquele cara, mundo afora,
Faz mil poses e abraça todo mundo?...
Trará aquele riso o sol fecundo
que vem fertilizar a nova aurora?

E como esse velhusco folgazão
consegue conceber a inspiração
que o faz viver o sonho que se esvai?...

Quem é aquele ser, qual seu papel?
Quem é, enfim, quem é o tal noel
que sempre nos natais se diz papai?

RUBENIO MARCELO

NATAL

Natal é Jesus que vem a cada ano
indicar que o coração humano
é o permanente presépio
onde Ele deseja nascer.
Natal é fé que renasce
esperança que se renova
caridade que faz viver.

Mais que palavras bonitas
que uma noite festiva
e que a troca de presentes,
Natal é amor que reúne e une,
e salva
indistintamente.

ILEIDES MULLER

O NATAL DO BILICO

ERNANI NONATO

Foi num dos primeiro anos cinquenta.

Cruzava, à pressa, a mesopotâmia sul-mato-grossense ansioso por chegar à casa com tempo para viver à plenitude os dias mais alegres do ano. Os do advento, das vésperas do Natal.

No Porto Quinze, sobre o rio Paraná, a longa espera pela balsa. Tédio. Impaciência. E a surpresa de um alerta: - Aquele sujeito é capanga perigoso. Está olhando muito para o senhor.

Olhava? Ou fugia ao meu olhar? Conheço? Não conheço? Essa fisionomia... Parece... Mas, meu Deus!, é o Bilico! Colega de escola, parceiro de futebol do largo da Misericórdia. O Bilico! Pode ser! Mas ele era tão...

Era. O menino preto, tímido, dos últimos nas notas, na escalação do time, entregador de marmitas, sufocado com mais a mãe e um bando de irmãs num casebre de fundo de quintal cedido por caridade, me aparecia homem ocupando espaço, duro, impositivo. Capanga de grileiro. Alugava o rifle, a coragem, o desenraizamento a quem precisasse de mal-fazente, hábil, solitário, mais ou menos insensível. Não se orgulhava nem se penitenciava do que fizera, de como vivia. Nem valia a pena me contar por quais caminhos chegara ali e àquilo.

Não quisera me falar. Se não tivesse chamado, permaneceria distante. Eu lembrava-lhe a infância, tempo de humilhação. Fizera mudar o rumo da vida. Não mais temia, era temido. Não satisfazia vontades, impunha a sua. Nada queria como antigamente. Não se preocupava nem em saber do sucedido à mãe, às irmãs! Para que lembrar o passado se dele não retirava nenhuma boa recordação?

Desculpasse, teimeei, mas à sua vez ele evocava para mim dias da infância. Impossível não citar nomes, acontecimentos – Lembra do... – E do dia em que... Ouvira, como se não ouvisse. – Não tem saudade, Bilico? Nããã... O que é que tudo isso me deu de bom?! Nada.

No entardecer, a balsa aportou. Por minutos. Nem despedidas, nem promessas. Não nos veríamos outra vez e sabíamos disso.

- Tchau, Bilico. Um bom Natal.

Estendi a mão. Não a tomou. Jamais dava a mão a apertar. Para não tê-la presa. Ergueu-a, espalmada. E pela primeira vez no dia, sorriu. O notável no sorriso foi o haver nele felicidade e candura.

- Falou em saudade, não foi? Pois no Natal me bate uma saudade que dói aqui no coração.

Calou, resistindo à vontade de prosseguir. O balseiro esperava, inquieto, pois já o rio se manchava de sombras. Porém, respeitava o Bilico. E não terá entendido a que ele se referia ao dizer, tendo deixado para o último instante a confissão, vergonhosa talvez para capanga de grileiro.

- Sabe? A minha gente não ia pra Missa do Galo. Não era coisa para pobres como nós, explicava a minha mãe. Eu ficava deitado, esperando ouvir o sino grande da catedral chamar o povo. E imaginava, com inveja dos outros moleques, como seria estar por lá. O Menino desceria do céu somente ali ou também na minha casinha? Olha, amigo, do sino grande da catedral, sim tenho saudades do Natal. Só dele. Tchau.

O balseiro, aproveitando o silêncio aberto entre nós, desatracou.

Nunca mais soube do Bilico. Porém, também a mim, pelas noites do advento sucede ouvir, com ternura e dor, o velho sino da velha catedral chamando a minha infância para a Missa do Galo. Tchau, Bilico!